

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SABERES SOCIOAMBIENTAIS SOBRE O RIO SÃO FRANCISCO EM CORDÉIS ESCOLARES

ENVIRONMENTAL EDUCATION AND SOCIO-ENVIRONMENTAL KNOWLEDGE ABOUT THE SÃO FRANCISCO RIVER IN SCHOOL CORDEL LITERATURE

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.067-051>

Josean Santos Nascimento

Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes (PPED/UNIT). Professor de Biologia e Ciências da SEDUC/AL. Bolsista PROSUP/CAPES

E-mail: josean.santos@souunit.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8882-4802>

Resumo

O estudo analisa saberes e percepções socioambientais sobre o Rio São Francisco expressos em cordéis produzidos por estudantes do Ensino Médio durante o Projeto Integrador “O Grito do São Francisco”, desenvolvido em uma escola pública de Penedo, Alagoas. Trata-se de pesquisa qualitativa, documental e interpretativa. O corpus inicial reuniu dez arquivos imagéticos; após a exclusão de uma versão duplicada, foram analisados nove cordéis distintos, compostos por 74 painéis textuais. A análise de conteúdo identificou cinco categorias: rio como vida e patrimônio; território, memória e identidade penedense; trabalho e modos de vida ribeirinhos; degradação e conflitos socioambientais; e cuidado e perspectivas de futuro. Os resultados revelam que o rio é representado como realidade natural, histórica, cultural, econômica, afetiva e religiosa. Conclui-se que o cordel, articulado à investigação do território, favorece a expressão dos saberes discentes e a leitura crítica de problemas ambientais, embora permaneçam limites relacionados à responsabilização genérica das ações humanas.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Ensino Médio; Literatura de Cordel; Rio São Francisco; Território.

Abstract

The study analyzes socio-environmental knowledge and perceptions of the São Francisco River expressed in cordel texts produced by high school students during the interdisciplinary project “The Cry of the São Francisco River” at a public school in Penedo, Alagoas, Brazil. This is a qualitative, documentary, and interpretive study. The initial corpus comprised ten image files; after excluding one duplicated version, nine distinct cordel works containing 74 textual panels were analyzed. Content analysis identified five categories: the river as life and heritage; territory, memory, and Penedo identity; work and riverside ways of life; degradation and socio-environmental conflicts; and care and future perspectives. Results show that

the river is represented as a natural, historical, cultural, economic, affective, and religious reality. The study concludes that cordel literature, when connected to territorial inquiry, supports the expression of students' knowledge and a critical reading of environmental problems, although limitations remain regarding the generic attribution of responsibility for human actions.

Keywords: Cordel Literature; Environmental Education; High School; São Francisco River; Territory.

1 INTRODUÇÃO

O Rio São Francisco ocupa um lugar que ultrapassa sua condição de curso d'água. Ao atravessar diferentes regiões, paisagens e modos de vida, ele se constitui como referência econômica, cultural, histórica, afetiva e simbólica para populações que mantêm com suas águas relações de trabalho, mobilidade, alimentação, religiosidade e pertencimento. Em Penedo, município alagoano situado às margens do Baixo São Francisco, essa presença integra a própria experiência cotidiana da cidade: o rio compõe a paisagem urbana, dialoga com o conjunto histórico, sustenta atividades pesqueiras e agrícolas e permanece inscrito nas memórias de pescadores, canoeiros, lavadeiras e famílias ribeirinhas. Por isso, abordá-lo na escola significa tratar de uma realidade vivida pelos estudantes, e não apenas de um conteúdo geográfico ou biológico distante.

A Educação Ambiental, quando reduzida à transmissão de regras de comportamento, tende a apresentar os problemas ambientais como consequência abstrata da falta de consciência individual. Essa perspectiva pode produzir recomendações importantes, como não descartar resíduos no rio, mas é insuficiente para compreender por que a degradação ocorre, quem é afetado, quais interesses disputam os recursos naturais e como as desigualdades sociais se articulam aos impactos ambientais. A perspectiva crítica amplia essa leitura ao compreender o ambiente como uma totalidade na qual natureza, cultura, economia, política e relações sociais são inseparáveis. Para Loureiro (2012), a Educação Ambiental possui uma dimensão educativa e política, pois participa da formação de sujeitos capazes de interpretar as contradições da realidade e agir sobre elas. Layrargues e Lima (2014), ao distinguirem macrotendências conservacionista, pragmática e crítica, mostram que diferentes práticas chamadas de ambientais podem expressar projetos pedagógicos e sociais distintos.

Essa discussão encontra respaldo na Política Nacional de Educação Ambiental, que define a Educação Ambiental como processo por meio do qual indivíduos e coletividades constroem valores, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltados à conservação do meio ambiente, entendido como bem de uso comum e essencial à qualidade de vida (BRASIL, 1999). A própria formulação legal enfatiza continuidade, participação e integração, afastando a temática ambiental de ações isoladas e exclusivamente comemorativas. Entretanto, a presença formal do tema no currículo não assegura, por si só,

uma abordagem capaz de relacionar o conhecimento científico às experiências dos estudantes. O desafio consiste em criar situações pedagógicas nas quais os sujeitos possam ler o território, expressar seus saberes e confrontá-los com outras explicações.

Foi nesse horizonte que se desenvolveu o Projeto Integrador “O Grito do São Francisco”, do qual resultaram cordéis elaborados por estudantes do Ensino Médio. A escolha do cordel não se limita a tornar a aula mais lúdica. Como linguagem marcada pela oralidade, pela narrativa em versos e por forte inserção na cultura popular nordestina, ele oferece aos estudantes uma forma de reelaborar informações, memórias, imagens e afetos. Marinho e Pinheiro (2012) defendem que o trabalho escolar com o cordel precisa preservar sua dimensão estética, histórica e comunicativa, evitando transformá-lo em mero pretexto para exercícios gramaticais. Em contexto ambiental, essa linguagem pode funcionar como meio de divulgação, sensibilização e produção de sentidos sobre problemas locais, conforme evidenciado por Silva, Silva e Costa (2009).

As produções analisadas neste estudo são, portanto, tomadas como documentos culturais e pedagógicos. Elas não oferecem uma reprodução transparente do que cada estudante “pensa”, nem permitem medir diretamente aprendizagem ou mudança conceitual. Revelam, contudo, repertórios mobilizados no contexto do projeto, escolhas temáticas, formas de atribuir responsabilidades e maneiras de relacionar o rio à cidade e às comunidades. Essa precaução é necessária porque a escrita escolar ocorre sob orientações, expectativas de avaliação e circulação de discursos sociais. Em vez de tratar cada verso como declaração espontânea, interessa compreender os padrões de sentido que atravessam o conjunto documental.

A questão norteadora da pesquisa foi: que saberes e percepções socioambientais sobre o Rio São Francisco são mobilizados por estudantes do Ensino Médio em cordéis produzidos no contexto de um Projeto Integrador? O objetivo geral consistiu em analisar esses saberes e percepções, identificando as relações estabelecidas entre ambiente, território, cultura, trabalho, pertencimento e preservação. Como objetivos específicos, buscou-se: caracterizar os temas recorrentes no corpus; examinar como os textos representam os modos de vida ligados ao rio; identificar problemas e agentes de degradação mencionados; e discutir as possibilidades e os limites do cordel como linguagem para uma Educação Ambiental crítica.

A relevância do estudo reside em três aspectos. Primeiro, desloca o cordel da condição de adereço de culminância para a de fonte de investigação sobre a produção discente. Segundo, privilegia uma Educação Ambiental situada, na qual o território de Penedo e o Baixo São Francisco constituem referências concretas para a aprendizagem. Terceiro, evita interpretar a presença de palavras como “preservar” e “cuidar” como evidência automática de consciência crítica, examinando as tensões entre discursos genéricos de proteção e leituras que reconhecem conflitos, atividades econômicas e transformações socioambientais.

2 METODOLOGIA

A pesquisa adotou abordagem qualitativa, de natureza documental e caráter interpretativo. A opção pela pesquisa documental decorre do fato de que o material analisado foi produzido em contexto escolar com uma finalidade pedagógica anterior à formulação deste estudo e, posteriormente, constituído como corpus de análise. Os cordéis foram elaborados por estudantes do Ensino Médio no âmbito do Projeto Integrador “O Grito do São Francisco”, desenvolvido em uma escola pública estadual localizada em Penedo, Alagoas. O projeto tomou o rio e suas relações com a cidade como eixo articulador de conhecimentos ambientais, culturais e territoriais.

O material disponibilizado para análise reuniu dez arquivos em formato de imagem. Na etapa de organização, foram registrados título, autoria indicada, número de painéis, temas predominantes e excertos relacionados ao problema da pesquisa. Verificou-se que duas imagens correspondiam ao mesmo cordel, “Nas águas do Velho Chico mora a vida”, com idêntica autoria e núcleo textual, embora apresentassem pequenas diferenças de diagramação e painéis gráficos complementares. Para impedir dupla contagem, uma das versões foi considerada duplicata. O corpus final foi, assim, constituído por nove cordéis distintos e 74 painéis textuais efetivamente relacionados às narrativas poéticas. Capas, ilustrações sem texto, slogans exclusivamente gráficos e um bloco de sugestões de possíveis subtemas inserido ao final de uma produção não foram tratados como unidades equivalentes às estrofes autorais, embora tenham sido observados na leitura contextual.

Para resguardar os estudantes na exposição acadêmica, as produções foram codificadas de C1 a C9. A autoria presente nos originais foi preservada nos documentos escolares, mas não é necessária à interpretação dos resultados. O Quadro 1 apresenta a composição do corpus. O código identifica o documento, e não estabelece hierarquia de qualidade entre as produções.

Quadro 1 – Composição do corpus documental

Código	Título da produção	Eixo temático predominante
C1	Nas águas do Velho Chico mora a vida	Patrimônio, paisagem, pescador, degradação e cuidado coletivo
C2	Pesca no Rio São Francisco	Pesca, piracema, barragens, poluição e subsistência
C3	Velho Chico: luta, fé e amor	Religiosidade, sertão, navegação, sustento e memória
C4	O que permanece no que nunca para	Tempo, transformação, permanência, silêncio e ameaça ambiental
C5	O Velho Chico em Penedo	História local, poluição, redução do pescado e resistência
C6	O Velho Chico e a luta ribeirinha	Integração regional, seca, desmatamento, pesca e fruticultura
C7	Canto eterno do Velho Chico nas terras de Penedo	Memória, lavadeiras, pesca, agricultura, poluição e cultura popular
C8	Velho Chico majestoso: guardião da história, da fé e das tradições de Penedo	Patrimônio, navegação, pescador, poluição e identidade
C9	O Velho Chico: identidade do povo penedense	Gerações, pesca, lavadeiras, agricultura, paisagem e cuidado

Fonte: elaborado pelo autor com base nos cordéis escolares (2026).

O tratamento do material foi orientado pela análise de conteúdo de Bardin (2016), entendida como um conjunto de procedimentos sistemáticos de descrição e interpretação das mensagens. A análise ocorreu em quatro movimentos articulados. Na pré-análise, os nove cordéis foram lidos integralmente, com atenção às recorrências e singularidades. Na exploração, cada painel foi examinado como unidade inicial de contexto, e versos ou conjuntos de versos com sentido completo foram registrados como unidades de análise. Em seguida, essas unidades receberam códigos descritivos, entre eles vida, patrimônio, identidade, memória, paisagem, pesca, lavadeiras, agricultura, navegação, religiosidade, poluição, lixo, barragens, desmatamento, escassez de peixes, cuidado e futuro. Por fim, os códigos foram comparados e agrupados em categorias interpretativas mais abrangentes.

As categorias não foram definidas apenas por frequência vocabular. Uma imagem ou expressão pouco repetida poderia ser analiticamente relevante quando introduzisse uma relação social ou ambiental específica. Da mesma forma, palavras recorrentes, como “vida” e “preservar”, foram interpretadas no contexto em que apareciam. Esse procedimento resultou em cinco categorias: (1) o rio como vida e patrimônio; (2) território, memória e identidade penedense; (3) trabalho, pesca e modos de vida ribeirinhos; (4) degradação e conflitos socioambientais; e (5) cuidado, responsabilidade e perspectivas de futuro.

O estudo não teve como propósito avaliar métrica, rima ou adequação formal dos cordéis, nem classificar individualmente a aprendizagem dos autores. Também não se buscou estabelecer relações causais entre a participação no projeto e as concepções registradas, pois não houve aplicação de instrumento

diagnóstico anterior e posterior à intervenção. Os resultados dizem respeito ao conteúdo objetivado nos documentos. Tal delimitação fortalece a validade da análise ao impedir que o corpus sustente conclusões para as quais não foi produzido.

Por envolver produções escolares, adotou-se uma postura de minimização da exposição: os trechos são vinculados apenas aos códigos dos documentos, e a análise se concentra no conjunto. Em eventual submissão a periódico ou evento, recomenda-se acrescentar a informação institucional sobre autorização para uso acadêmico das produções e, conforme as exigências do veículo e a condição etária dos participantes, verificar a necessidade de consentimento, assentimento e apreciação ética. Essa providência não altera os resultados, mas é indispensável para a circulação responsável da pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A leitura transversal dos nove cordéis mostra que o Rio São Francisco não foi representado pelos estudantes como cenário exterior à vida social. O rio é simultaneamente água, caminho, trabalho, alimento, patrimônio, memória, paisagem, fé e vínculo afetivo. Essa composição multidimensional constitui o principal resultado do corpus. Em vez de separar “natureza” e “sociedade”, os textos aproximam pescadores, igrejas, barcos, lavadeiras, plantações, casarios, pôr do sol, peixes e problemas ambientais. O Quadro 2 sintetiza as categorias, os sentidos predominantes e alguns excertos representativos.

Quadro 2 – Categorias analíticas e unidades de sentido representativas

Categoria	Sentidos mobilizados	Excertos representativos
Rio como vida e patrimônio	Fonte de vida, riqueza comum, sagrado, beleza e patrimônio	“É o Rio São Francisco sagrado / Patrimônio da gente” (C1); “É força, é natureza, / É riqueza e é valor” (C1)
Território, memória e identidade	Penedo, igrejas, casarios, gerações, pertencimento e passagem do tempo	“Suas águas levam histórias / Que o tempo não vai levar” (C9); “Cada pedra tem um conto” (C8)
Trabalho e modos de vida	Pesca, canoa, lavadeiras, agricultura, navegação e sustento	“Bota o barco na correnteza / Pra família sustentar” (C2); “O povo vive do rio, / Da pesca e do plantar” (C7)
Degradação e conflitos	Poluição, resíduos, barragens, desmatamento, baixa das águas e escassez de peixes	“Barragem segura a água / Poluição vem pra matar” (C2); “O desmatamento assola / E a água começa a baixar” (C6)
Cuidado e futuro	Preservação, corresponsabilidade, mobilização e continuidade da vida	“Preservar hoje é garantir o amanhã” (C1); “Cuidar do São Francisco / É cuidar do nosso lar” (C8)

Fonte: elaborado pelo autor com base nos cordéis escolares (2026).

Na primeira categoria, a palavra “vida” atua como núcleo organizador. Em C1, a própria titulação afirma que “nas águas do Velho Chico mora a vida”, enquanto versos posteriores o qualificam como “forte,

vivo e resistente” e “patrimônio da gente”. C7 o chama de “pai, amigo e sustento”, e C9 o apresenta como “alma viva da cidade de Penedo”. Não se trata apenas de uma descrição de funções ecológicas. A vitalidade é atribuída ao rio como sujeito que “corre”, “pede socorro”, “resiste”, “ensina” e “leva histórias”. A personificação aproxima o objeto ambiental do universo moral e afetivo dos estudantes, tornando a agressão ao rio comparável ao sofrimento de um ser vivo.

Essa personificação tem potência pedagógica porque produz vínculo, mas também exige mediação crítica. Atribuir vontade e sofrimento ao rio favorece empatia e sensibilização; contudo, a Educação Ambiental não pode permanecer apenas no apelo emocional. Carvalho (2012) utiliza a noção de sujeito ecológico para discutir valores e formas de identificação que orientam modos de agir, sem separar sensibilidade e compreensão. Nos cordéis, a dimensão sensível aparece fortemente: o rio é “sagrado”, “majestoso”, “eterno protetor” e “presente da natureza”. O trabalho pedagógico posterior pode partir dessas imagens para introduzir questões sobre gestão das águas, usos econômicos, políticas públicas e desigualdade de acesso, conectando identificação afetiva e análise social.

A denominação do São Francisco como patrimônio aparece articulada a diferentes escalas. C1 fala em “patrimônio da gente”; C4 encerra com “patrimônio de Alagoas, do Nordeste e do Brasil”; C8 o apresenta como guardião da história, da fé e das tradições de Penedo. O deslocamento entre escalas local, regional e nacional mostra que o rio é percebido tanto como bem próximo quanto como referência coletiva mais ampla. Essa pluralidade evita confiná-lo a um único município. Ao mesmo tempo, a insistência em “nosso”, nosso rio, nosso lar, nossa história, produz uma gramática de pertencimento que transforma a preservação em dever compartilhado.

Na segunda categoria, o território aparece como espaço vivido e historicamente produzido. Penedo não é citada somente como localização. A cidade é reconhecida nas igrejas “lá do alto”, nos sobrados, casarios, barrancas, embarcações e no reflexo do pôr do sol. Em C8, “cada pedra tem um conto, / Cada rua um som antigo”, enquanto o rio “segue contando / Tudo aquilo que é sentido”. A relação entre água e arquitetura faz da paisagem uma superfície de memória. O conjunto histórico e o curso do rio não aparecem como patrimônios paralelos, mas como dimensões de uma mesma experiência territorial.

Para Tuan (1980), a toponímia designa os laços afetivos estabelecidos entre pessoas e lugares. Nos cordéis, esses laços são produzidos por cenas repetidas: o pescador ao amanhecer, a canoa que atravessa as águas, as igrejas vistas do rio e o sol que se põe sobre Penedo. Essas imagens não devem ser descartadas como romantização sem valor cognitivo. Elas indicam quais elementos da paisagem são selecionados como representativos e dignos de permanência. O território se torna inteligível por meio de experiências, memórias e narrativas. A Educação Ambiental situada pode utilizar essa seleção para indagar também o que não aparece: bairros afastados da margem, saneamento, desigualdades urbanas, agentes econômicos e grupos cuja presença no território foi silenciada.

O tempo é particularmente importante em C4, “O que permanece no que nunca para”. O movimento da água oferece uma metáfora para mudança, perda e continuidade: “A água nunca se prende / Ao lugar onde passou” e “viver é como o rio... / É passar, mas transformar”. O texto aproxima temporalidade natural e experiência humana, mas introduz também uma advertência: “Tudo aquilo que é descuidado / Um dia pode sumir”. O rio que permanece é, paradoxalmente, vulnerável. A aparente continuidade do fluxo não garante a conservação das condições ecológicas e culturais. A categoria de memória, portanto, não remete apenas ao passado; ela estabelece uma responsabilidade intergeracional.

A identidade penedense é formulada explicitamente em C9 e reaparece em C7 e C8. Expressões como “raiz do meu chão”, “orgulho nordestino”, “alma viva de Penedo” e “identidade do povo penedense” mostram uma identificação coletiva. Hall (2006) lembra que identidades não são essências fixas, mas construções históricas produzidas por representações. Os cordéis participam dessa construção ao selecionar determinados personagens e símbolos para narrar a cidade. Pescadores, lavadeiras, igrejas, barcos e lavouras formam um repertório identitário. A análise desse repertório permite reconhecer pertencimento, mas também questionar quem é incluído na imagem do “povo” e quais conflitos internos são suavizados pela unidade poética.

A terceira categoria reúne trabalho, pesca e modos de vida ribeirinhos. A pesca é o tema mais desenvolvido, aparecendo em praticamente todo o corpus e ocupando o centro de C2. Os estudantes nomeiam instrumentos e práticas, tarrafa, rede, anzol, barco, canoa, remo, e mencionam espécies como surubim, pirá, curimatã e dourado. A especificidade desse vocabulário desloca a representação do pescador de uma figura decorativa para um trabalhador dotado de saberes. Em C8, o homem segue na canoa “com sua rede e seu saber”; em C2, ele lança a tarrafa “com coragem e com amor” e põe o barco na correnteza “pra família sustentar”. O rio é, assim, meio de produção, fonte de alimento e espaço de transmissão de conhecimentos.

O cordel C2 contém ainda uma referência à piracema e à proibição temporária da pesca: “Aí o IBAMA vigia / Pra ninguém poder pescar / Respeitando a natureza / Pra no futuro não faltar”. Esse trecho é relevante porque articula prática tradicional, regulação ambiental e reprodução futura dos peixes. Não se pode concluir, apenas a partir dele, que o estudante domina todos os fundamentos biológicos ou normativos do defeso, mas o verso mostra a circulação escolar e social de uma ideia de manejo que relaciona restrição presente e disponibilidade futura. A Educação Ambiental pode aprofundar esse ponto examinando ciclos reprodutivos, calendários de pesca, direitos dos pescadores artesanais e tensões entre fiscalização e subsistência.

Além da pesca, os textos registram lavadeiras, canoeiros, navegação e agricultura. C7 e C9 mencionam mulheres lavando roupas e cantando às margens, imagem que associa trabalho, sociabilidade e memória. C6 inclui a fruticultura nas áreas irrigadas, citando uva, manga e melão e relacionando o rio às

transformações econômicas de Petrolina e Juazeiro. C3 recorda o “Vapor de Linha”, e C8 qualifica o São Francisco como antiga rota de comércio e navegação. O conjunto amplia a compreensão dos usos da água e evidencia que a relação entre sociedade e rio é historicamente variável.

Há, contudo, uma tendência a apresentar os sujeitos ribeirinhos sob uma chave heroica: são resistentes, corajosos, persistentes e ligados ao rio por destino. Essa valorização combate a invisibilidade de trabalhadores tradicionais, mas pode naturalizar condições difíceis de vida. Quando C2 afirma que “quem nasce no Chico / Do Chico não vai separar”, o pertencimento aparece como vínculo incondicional. Uma leitura crítica pode perguntar se permanecer é sempre escolha, quais alternativas econômicas existem e como degradação, barragens e redução do pescado afetam diferentemente as famílias. Loureiro (2012) adverte que uma Educação Ambiental emancipatória precisa compreender sujeitos concretos em relações sociais concretas, e não apenas celebrar uma comunidade abstrata em harmonia com a natureza.

A quarta categoria explícita degradação e conflitos socioambientais. Poluição e descarte de resíduos aparecem de modo recorrente. C5 constrói uma comparação temporal direta: “O São Francisco já foi / Cheio, limpo e abundante / Hoje pede socorro”. Em seguida, associa o problema ao pescador, que “sente falta / Do peixe que já sumiu”, e à água que “já não é clara”. C7 descreve “lixo jogado nas águas” e poluição que “vai ferindo sua alma”; C8 adverte que “poluição e descuido / Querem sua força apagar”. Os resíduos representados nas ilustrações e mencionados nos versos tornam visível uma agressão cotidiana e facilmente identificável pelos estudantes.

Entretanto, o corpus não se limita ao lixo. C2 apresenta uma relação causal mais complexa: “Barragem segura a água / Poluição vem pra matar / E o peixe que era farto / Começa a escassear”. C6 menciona o desmatamento e a redução do nível das águas. Esses versos aproximam alterações hidrológicas, perda de vegetação e escassez de pescado, reconhecendo que a crise do rio resulta de processos que extrapolam comportamentos domésticos isolados. Esse movimento é central para a Educação Ambiental crítica, pois insere a degradação em sistemas de uso e controle do território.

Layrargues e Lima (2014) observam que a macrotendência pragmática frequentemente enfatiza soluções técnicas, consumo responsável e gestão de resíduos sem discutir as causas estruturais dos problemas. Alguns trechos do corpus permanecem próximos dessa linguagem ao concentrar a solução em “não jogar lixo” ou “cada um fazer sua parte”. Outros abrem fissuras nesse enquadramento ao citar barragens, desmatamento, irrigação, navegação e regulação pesqueira. A coexistência dessas formulações demonstra que as produções não devem ser rotuladas integralmente como conservacionistas, pragmáticas ou críticas. Elas articulam repertórios distintos, às vezes dentro do mesmo cordel.

A responsabilização constitui uma ambiguidade importante. Em várias produções, “o homem” aparece como agente genérico da destruição: “Mas o homem, muitas vezes, / Esquece de preservar” (C1); “A natureza sofrendo / Com o mal que o homem criou” (C5); “quando o homem / Insiste em lhe maltratar”

(C7). A expressão comunica que a degradação tem origem social, não natural. Ao homogeneizar a humanidade, porém, encobre diferenças de poder e responsabilidade entre moradores, empresas, setores produtivos e instituições públicas. Guimarães (2004) argumenta que a Educação Ambiental crítica deve superar explicações fragmentadas e construir uma leitura relacional da realidade. Pedagogicamente, esses versos constituem um ponto de partida para perguntar: quem polui, em que escala, com quais benefícios, quais danos e quais possibilidades de controle social?

O silêncio também produz resultados. Embora os textos cite pesca, agricultura, barragens e resíduos, quase não aparecem saneamento básico, esgotamento sanitário, distribuição desigual da água, políticas de revitalização ou conflitos fundiários. A transposição surge apenas como sugestão de subtema anexada a C6 e, por esse motivo, não foi contabilizada como conteúdo autoral analisado. Reconhecer ausências não significa censurar os estudantes por não terem abordado tudo; significa identificar oportunidades para o aprofundamento curricular. A análise documental cumpre, assim, uma função diagnóstica: mostra o que foi simbolicamente incorporado e o que precisa ser investigado em etapas posteriores.

A quinta categoria reúne cuidado, responsabilidade e futuro. Os cordéis utilizam frequentemente verbos no imperativo: cuidar, preservar, respeitar, proteger, amar. C1 resume: “Preservar hoje é garantir o amanhã”; C8 afirma que “cuidar do São Francisco / É cuidar do nosso lar”; C9 associa proteção da riqueza e construção de “um futuro melhor”. A presença do futuro transforma a conservação em compromisso intergeracional. Não se busca apenas manter a beleza da paisagem, mas assegurar alimento, história, cultura e continuidade da vida.

O cuidado assume, em alguns textos, uma dimensão coletiva. C1 convoca “Vamos juntos, minha gente”, enquanto C8 afirma que “o povo de Penedo” não deve deixar de lutar. Essas expressões deslocam a ação do indivíduo isolado para a comunidade, embora ainda não definam mecanismos de participação. Carvalho (2012) permite compreender esse movimento como produção de identificações ecológicas; Freire (1996), por sua vez, ajuda a pensar a passagem da leitura do mundo à ação responsável. Para que a convocação não permaneça apenas retórica, o projeto pedagógico pode vinculá-la a pesquisa de campo, mapeamento de pontos de descarte, entrevistas com moradores e pescadores, análise de dados sobre qualidade da água, diálogo com órgãos públicos e elaboração de propostas coletivas.

O componente religioso merece atenção. O rio é chamado de “sagrado”, “força divina”, “presente da natureza” e “presente que Deus quis desenhar”. Igrejas aparecem como marcos da paisagem que observam ou abençoam as águas. Em C3, fé, luta e amor formam a síntese da relação com o Velho Chico. Em vez de interpretar essas referências como oposição ao conhecimento científico, é mais produtivo reconhecê-las como parte dos repertórios culturais por meio dos quais os estudantes atribuem valor ao ambiente. A Educação Ambiental crítica não precisa apagar fé e tradição, mas promover diálogo no qual

diferentes formas de significar o rio sejam examinadas e relacionadas a conhecimentos ecológicos, históricos e sociais.

O uso do cordel revelou uma possibilidade de letramento ambiental e literário integrado. Para produzir os textos, os estudantes precisaram selecionar informações, organizar uma voz narrativa, escolher personagens, construir imagens e formular uma mensagem pública. Cosson (2006) compreende o letramento literário como apropriação da literatura enquanto linguagem, e não como simples reconhecimento de características formais. Nas produções analisadas, a linguagem poética reconfigura conteúdos ambientais: barragens, piracema, poluição e desmatamento são inseridos em narrativas de pertencimento e responsabilidade. Isso favorece uma expressão que dificilmente seria alcançada por respostas curtas a um questionário.

Ao mesmo tempo, a forma poética pode condensar contradições ou reproduzir fórmulas. Termos como “eterno”, “sempre”, “sagrado” e “nosso” constroem um rio unificado e harmonioso, enquanto os problemas ambientais aparecem como interrupções externas. A análise crítica mostra que os conflitos não são exteriores à história do território; resultam dos próprios modos de apropriação da água, do solo e dos recursos. Por isso, o cordel não deve ser considerado ponto final da aprendizagem. Ele funciona melhor como texto gerador: depois da produção e socialização, os versos podem retornar à turma para comparação com dados, depoimentos, mapas e documentos públicos.

Os nove documentos também evidenciam diferentes graus de problematização. C3 privilegia fé, beleza e sustento, sem desenvolver uma denúncia ambiental explícita. C4 trabalha a ameaça de desaparecimento de modo metafórico, sem nomear causas específicas. C2, C5, C6, C7 e C8 identificam processos como barragens, poluição, desmatamento e escassez do pescado. Essa variação é pedagogicamente valiosa, pois demonstra que o corpus não corresponde a uma resposta homogênea construída para satisfazer uma única expectativa. As diferenças permitem organizar rodas de leitura nas quais os estudantes confrontem explicações, identifiquem lacunas e reconstruam coletivamente suas interpretações.

Em síntese, os resultados revelam um movimento entre três imagens: o rio vivido, o rio ameaçado e o rio a ser cuidado. O rio vivido reúne memória, paisagem, trabalho, fé e identidade; o ameaçado concentra poluição, barragens, desmatamento e escassez; o rio a ser cuidado mobiliza esperança, comunidade e futuro. Essas imagens não aparecem em sequência linear nem correspondem a fases de aprendizagem. Elas coexistem e se tensionam. A contribuição do Projeto Integrador está justamente em oferecer uma linguagem na qual essa complexidade se torna visível e pode ser novamente problematizada.

4 CONCLUSÃO

O artigo analisou nove cordéis escolares, constituídos por 74 painéis textuais, com o objetivo de compreender os saberes e as percepções socioambientais sobre o Rio São Francisco mobilizados por estudantes do Ensino Médio. A análise demonstrou que o rio foi representado como uma realidade multidimensional: fonte de vida, patrimônio, memória, paisagem, espaço de trabalho, referência religiosa e elemento constitutivo da identidade penedense. Essa amplitude confirma a pertinência de abordagens territoriais de Educação Ambiental, capazes de partir do espaço vivido sem reduzir o ambiente à dimensão natural.

Os modos de vida ribeirinhos ocupam posição central no corpus. Pescadores, canoeiros, lavadeiras e agricultores conectam a água às práticas de subsistência e aos saberes acumulados por gerações. Ao lado dessa valorização, os textos registram poluição, descarte de resíduos, barragens, desmatamento, diminuição das águas e escassez do pescado. A presença desses temas mostra que parte das produções avança para além de um discurso exclusivamente contemplativo. Contudo, a recorrente responsabilização do “homem” e os apelos genéricos para que cada pessoa cuide do rio indicam limites que precisam ser trabalhados pedagogicamente, sobretudo quanto à diferenciação de agentes, interesses, escalas e responsabilidades.

O cordel mostrou-se uma linguagem fértil para articular Educação Ambiental, cultura popular e autoria discente. Sua contribuição não reside apenas em sensibilizar, mas em tornar observáveis os repertórios por meio dos quais os estudantes interpretam o território. Quando submetidos à leitura coletiva e ao diálogo com outras fontes, os versos podem sustentar processos de investigação mais amplos. Recomenda-se que futuras etapas pedagógicas incluam trabalho de campo, escuta de comunidades ribeirinhas, análise de indicadores ambientais, mapas e documentos de gestão, além da discussão sobre saneamento, governança das águas e justiça ambiental.

Os resultados devem ser compreendidos à luz das limitações do estudo. O corpus foi produzido em uma experiência específica e não permite generalizações sobre todos os estudantes ou escolas do Baixo São Francisco. A ausência de instrumentos anteriores e posteriores impede afirmar que o projeto causou mudanças conceituais. As produções revelam sentidos objetivados nos documentos, não a totalidade das concepções individuais. Estudos futuros podem combinar análise documental, entrevistas, grupos focais e observação pedagógica, bem como acompanhar o processo de escrita e reescrita dos cordéis.

Ainda assim, o conjunto evidencia que a escola pode produzir conhecimento relevante quando reconhece o território como espaço educativo e as linguagens culturais como formas legítimas de interpretação. Entre versos e águas, os estudantes narraram um São Francisco vivido, ameaçado e reivindicado. Ao transformar essas narrativas em objeto de reflexão, a Educação Ambiental deixa de ser apenas uma recomendação abstrata de preservação e se aproxima da tarefa de compreender criticamente as relações que sustentam e também degradam a vida coletiva.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 28 abr. 1999.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUIMARÃES, Mauro. Educação ambiental crítica. In: LAYRARGUES, Philippe Pomier (coord.). **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, 2004. p. 25-34.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LAYRARGUES, Philippe Pomier; LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. As macrotendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 23-40, jan./mar. 2014.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Trajetória e fundamentos da educação ambiental**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, Michèle; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura (org.). **Educação ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 17-44.

SILVA, Sueldo Leite da; SILVA, Fernando Moreira da; COSTA, Ana Mônica de Britto. A literatura de cordel: um fator de disseminação da preservação ambiental no município de Mossoró/RN. **Sociedade e Território**, Natal, v. 21, n. 1-2, p. 165-182, jan./dez. 2009.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.